

A pedagogia histórico-crítica e a questão do método na práxis da capoeira

ANTONIO ALENCAR FILHO*

DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES**

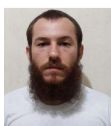
Resumo: Neste trabalho em que analisamos a práxis cultural e política presente no trabalho com a Capoeira, a partir dos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica, problematizamos que é possível articular, por meio dessa Pedagogia, um processo educativo junto à práxis cultural da Capoeira capaz de oportunizar a construção de estratégias contra-hegemônicas de resistência e enfrentamento a processos socioculturais de standardização propostos pelo capital. Trata-se de pesquisa bibliográfica em que se discute a aplicabilidade da Pedagogia Histórico-Crítica na práxis da Capoeira em ambientes formais e não formais, por Mestres e Mestras de Capoeira, professoras e professores de Capoeira ou de Educação Física, numa perspectiva de se ensinar Capoeira em sua totalidade. O trabalho apresenta, enfim, uma síntese contextualizada sobre a história da Capoeira e sua epistemologia, enfatizando sua construção, seus múltiplos diálogos com as classes sociais brasileiras de acordo com cada momento histórico e em suas duas vertentes capoeirísticas: a Regional, de Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), e a Angola, de Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha). Logo depois, são mencionadas algumas propostas de como interligar sequencialmente os cinco momentos da Pedagogia Histórico-Crítica com a práxis da Capoeira.

Palavras-chave: Resistência; Cultura; Transformação; Práxis; Pedagogia Histórico-Crítica.

Historical-critical pedagogy and the question of the method in the capoeira praxis

Abstract: In this work we analyze the cultural and political praxis present in the work with Capoeira, based on the theoretical assumptions of Historical-Critical Pedagogy. We problematize that, through this Pedagogy, it is possible to articulate an educative process next to the cultural praxis of Capoeira that allows the construction of counter-hegemonic strategies of resistance and confrontation with socio-cultural standardization processes proposed by the capital. It is a bibliographical research that discusses, therefore, the applicability of Historical-Critical Pedagogy in the praxis of Capoeira in formal environments and in non-formal sayings, by Masters and Masters of Capoeira, teachers and teachers of Capoeira or Physical Education, with a view to teaching Capoeira in its entirety. The paper presents a contextualized synthesis on the history of Capoeira and its epistemology, emphasizing its construction, its multiple dialogues with the Brazilian social classes according to each historical moment and its two capoeiristic slopes: Manoel dos Reis Machado Regional (Mestre Bimba) and the Angola of Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha). Soon afterwards, some proposals are mentioned on how to sequentially link the five moments of Historical-Critical Pedagogy with the praxis of Capoeira.

Key words: Resistance; Culture; Transformation; Práxis; Historical-Critical Pedagogy.



* **ANTONIO ALENCAR FILHO** é mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura da UFPA – Campus Universitário do Tocantins/Cametá; professor do IFPA – Campus Tucuruí.



** **DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES** é Doutor em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA) e do Programa de Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/UFPA).



Resistências – Fonte: Flávia Nazareth da Costa Carvalho (2018).

Introdução

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que, historicamente, a elite brasileira perseguiu e marginalizou os envolvidos com a capoeiragem¹, utilizando planos desumanizantes, ou seja, “[...] na história da capoeira, tal compreensão depreciativa normalmente era utilizada pelos agentes da repressão. Estes não viam com bons olhos a capoeiragem” (LEAL, 2008, p. 15). No entanto, se, no início, essa elite a criminalizou; logo em seguida, padronizou-a e a comercializou. Evidências mostram que

¹ O termo capoeiragem “[...] diz respeito à prática da capoeira, o exercício do jogo-luta-dança dos capoeiras” (OLIVEIRA, 2005, p. 20). Os termos Capoeira, capoeira e capoeiragem podem ser vistos de forma mais complexa em Rego (1968).

as investidas de aproximação dos dominantes com a Capoeira² possuíam intenções exploratórias e de apropriação, excluindo os que não estivessem em consonância com a ideologia desses dominantes.

Nesse sentido, várias instituições da elite foram utilizadas para embranquecer e esportivizar a Capoeira³, porém, muitos capoeiristas não se deixaram usar como objeto

² Manifestação de elementos revolucionários densos e ilimitados da Cultura Corporal afrocêntrica.

³ As mais recentes: Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP); Conselho Federal de Educação Física (CONFED/CREF); Confederação Brasileira de Capoeira (CBC); Ministério do Esporte (ME). Ver essa questão em Falcão (2004) e Costa (2007).

alienante e alienado, resistindo à negação da identidade e dos valores culturais e sociais presentes na capoeiragem, colocando-se contrários a processos pedagógicos e a leis que privilegiam apenas os interesses culturais burgueses e excluem os capoeiras, com intenção de tentar tirar deles a liberdade de ser objeto e sujeito de sua própria história.

No entanto, as tentativas de genocídio afrocêntrico, tendo a Capoeira como um dos principais alvos, não foram suficientes para superar a mandinga⁴ dos capoeiras, diante do que defendemos, neste trabalho, a necessidade de que os diálogos e inter-relações sobre a capoeiragem sejam compreendidos numa perspectiva intercultural, com objetivos em comum, que busquem uma Capoeira para todos, com todos e por todos.

Assim, buscamos analisar nesta exposição a práxis cultural e política presente no trabalho com a Capoeira, a partir dos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica. Para isso, problematizamos que, por meio dela, é possível articular um processo educativo junto à sua práxis cultural que oportunize a construção de estratégias contra-hegemônicas de resistência e de enfrentamento a estandardização propostos pelo capital.

Em termos estruturais, realizamos a exposição sucinta dos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica, partindo do pressuposto de que o método Histórico-Crítico, proposto por Saviani (1983), estimula a autonomia

das atividades do educador, Mestres e Mestras de Capoeira, entre outros, valorizando o diálogo coletivo entre os envolvidos, sem deixar de enfatizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente, considerando-se os ritmos de aprendizagem, o desenvolvimento psicológico e os interesses de todos, sem perder a coerência lógica da sistematização dos conhecimentos, sua ordenação e transmissão-assimilação (PETENUCCI, 2008).

Em seguida, apresentamos, de forma sintética, a história da Capoeira com enfoque nos momentos e personagens mais conhecidos de sua materialidade, mostrando sua complexidade, como também os projetos de repressão, controle e ressignificação.

No decorrer da exposição, caracterizamos os cinco momentos da Pedagogia Histórico-Crítica – prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final –, inter-relacionados com a práxis⁵ da Capoeira. Assim, acredita-se que esses momentos se materializam como práxis da Capoeira de forma lúdica, crítica e transformadora, compreendendo-se que a inter-relação prática-teoria-prática da Capoeira contextualizada historicamente com o meio social é imprescindível para a compreensão da Capoeira atual.

Metodologicamente, em determinadas situações do texto, são empregados termos usados na capoeiragem e na educação dita formal, como Mestre de Capoeira, capoeirista, docente, discente, aluno, professor, educador, educando, contemplando ambas as linguagens.

⁴ “Em Salvador, desde o final do século XIX, a palavra mandinga era usada como sinônimo de capoeira. Atualmente o bom capoeira é o indivíduo mandingueiro que sabe disfarçar, enganar, o adversário, que ganha o jogo através da esperteza “arte da falsidade”, do fingimento” (DIAS, 2006).

⁵ A práxis deve ser entendida aqui “[...] como atividade material humana transformadora do mundo e do próprio homem. Essa atividade real, objetiva, é, ao mesmo tempo, ideal, subjetiva e consciente [...]” (VÁZQUEZ, 2011, p. 398).

1. Pedagogia histórico-crítica: pressupostos teóricos

A fundamentação da Pedagogia Histórico-Crítica possui como base, segundo Saviani (2012, p. 7), a “[...] concepção dialética na vertente marxista”, tendo como fundamento “[...] as concepções do Método Dialético de Elaboração do Conhecimento, baseado em Marx e na Teoria Histórico-Cultural elaborada por Vigotski” (PETENUCCI, 2008, p. 3).

Sendo assim, o uso do materialismo histórico-dialético possibilita a interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. Essa práxis de Marx, para Pires (1997, p. 86), pode ser entendida como “[...] prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e através de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e conseqüente da atividade prática”, que, em hipótese alguma, deve ser desarticulada da realidade, pois, caso isso ocorra, o conhecimento se tornará superficial.

Tal perspectiva contribui com que a Pedagogia Histórico-Crítica possa se tornar um método pedagógico efetivamente eficaz e eficiente, vinculada à realidade sociocultural e econômica dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Além disso, pode contribuir para conscientizar educandos e educandas sobre a realidade social, pois oferece ferramentas concretas que auxiliam na transformação do mundo, devido a seu viés que explicita “[...] como as mudanças das formas de produção da existência humana foram gerando historicamente novas formas de educação” (SAVIANI, 2011, p. 2).

Filosoficamente, a Pedagogia Histórico-Crítica, baseada no materialismo histórico-dialético, tem como fundamentos a interpretação da

realidade, a visão de mundo, a práxis – conceituada como unidade teórico-prática –, a materialidade, ou seja, a organização dos homens em sociedade para a produção da vida, e a concreticidade, que significa o caráter histórico sobre a organização que os homens constroem através de sua história (PETENUCCI, 2008), o que permite processos de ensino e de aprendizagem que partam da singularidade dos sujeitos para a compreensão da totalidade das práticas sociais, culturais, políticas, econômicas, dentre outras, que os constituem enquanto sujeitos de história.

A teoria Histórico-Cultural de Vigotski também embasa a Pedagogia Histórico-Crítica, já que ambas possuem princípios e métodos do materialismo histórico-dialético. Na perspectiva Histórico-Cultural, o homem é compreendido como um ser histórico, construído através de suas relações com o mundo natural e social, capaz de transformar a natureza por meio do seu trabalho, via instrumentos criados e aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento histórico humano (PETENUCCI, 2008).

Outrossim, a construção do conhecimento para a teoria Histórico-Cultural é formada nas interpelações sujeito-objeto, a partir de vivências sociais sistematizadas, sendo a dialética do trabalho e do uso de instrumentos na sociedade a base para a relação homem-natureza. Nesse sentido, Marx (2003, p. 5) salienta que: “[...] não é a consciência dos homens que determina o ser, é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”, ou seja, as metamorfoses da vida sociomaterial determinam as mudanças na consciência do homem. É inegável que a aprendizagem está relacionada naturalmente com o social, pois, com as

interações diversificadas, os sujeitos desenvolvem suas funções psicológicas simples e superiores, logo “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica” (VIGOTSKI, 2007, p. 100), em um processo através do qual a ancestralidade penetra na formação sociocultural daqueles que as cercam. No entanto, segundo Antonio (2008, p. 12), “Vigotski não nega a influência da parte biológica, porém, enfatiza o aspecto social no desenvolvimento das funções psicológicas [...]”, ou seja, os estímulos do ambiente social são mais pertinentes do que o genótipo.

Pedagogicamente, Antonio (2008, p. 31), analisando o trabalho de Gasparin (2007) sobre uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica, salienta que esse autor “[...] desenvolveu um trabalho que traduz para o campo específico da Didática tais fundamentos, consolidando-os em procedimentos práticos de apoio ao trabalho docente”. Saviani enfatiza, na apresentação do livro de Gasparin (2007), que “[...] a estrutura do livro segue, também, rigorosamente os referidos passos, tornando, assim, explícita a intenção de construir a didática própria da pedagogia histórico-crítica”, uma didática crítica e ao mesmo tempo transformadora.

2. Sintetizando e contextualizando a história da capoeira

Muitos mitos, preconceitos e discriminações sobre a capoeiragem foram problematizados explicitamente por Soares (1998), Oliveira (2005) e Leal (2008), os quais deram voz e reconhecimento aos e às capoeiras, como agentes e construtores diretos do processo histórico brasileiro, como também “[...] foram buscar a inserção desses capoeiras em conjunturas históricas determinadas e suas relações

estabelecidas no cotidiano do espaço público, ou melhor, na rua” (OLIVEIRA, 2005, p. 24), evidenciando a organização dos capoeiras no decorrer do século XIX e início do século XX, no Rio de Janeiro, Bahia e Pará. As três pesquisas ampliam as possibilidades de fontes e metodologia, inquéritos, ocorrências policiais, processos criminais, legislação, registros profissionais, artigos de jornais, obras literárias, entre outras, destacando que a Capoeira, até meados do século XIX, estava ligada basicamente aos negros escravizados e alforriados do meio urbano e que muitos “[...] praticantes de capoeira já pertenciam às mais diferentes categorias profissionais (funcionário público, operário do Arsenal, encadernador, foguista, ferreiro, barbeiro, etc.)” (LEAL, 2005, p. 260), desse período.

Durante a segunda metade do século XIX, “[...] a capoeira escrava espalha-se abrangendo outros adeptos, entre eles imigrantes portugueses, negros forros, brasileiros etc.” (SILVA, 2001, p. 134). É fato que a capoeira do século XIX atingiu uma grande camada popular, porém, para Soares (1998), possivelmente o processo de construção da Capoeira não está no século XIX nem no XX, mas sim nos primórdios da sociedade colonial urbana, início do século XVIII, onde ocorreu interação de diversas etnias africanas que possuíam características semelhantes em suas diversas danças e artes marciais, elementos que foram articulados ineditamente no território brasileiro, surgindo o “jogo do capoeira”, sendo esse mais uma Manifestação da Cultura Corporal Afrocêntrica⁶. Nota-se que o

⁶ O termo *Cultura Corporal*, de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.33), é uma área de conhecimento configurada por formas de atividades expressivas corporais da Educação Física, como: jogo, esporte, dança, ginástica. Já

processo de construção da Capoeira é muito complexo, dinâmico e inconcluso.

Como foi visto anteriormente, tem-se a organização dos capoeiras no decorrer do século XIX, no meio urbano, sendo identificados como escravos de ganho, tendo liberdade para conviver com diversos setores da sociedade em busca de ganhar dinheiro para seu “Dono”. Ainda no decorrer desse século, esses formaram maltas⁷ com características diferentes uma da outra, porém algumas, com o uso da violência, reivindicavam direitos, que incomodavam a eugenia branca da época. A prática da capoeiragem representava “perigo” aos dominantes; com a Proclamação da República, no final do século XIX, tem-se a intervenção policial contra os capoeiras, fortalecendo-se ainda mais com respaldo do “Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890” (REGO, 1968, p. 292). Antes do Código Penal e depois dele, até 1937, ano que supostamente foi extinta a proibição da Capoeira, percebe-se “[...] o medo da explosão negra, de multidões de pretos armados invadindo casas e incendiando residências, medo da politização, mas

o termo Afrocêntrica vem de “afrocentricidade” que para, Asante (2009, p. 93), “[...] é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos”. Sendo assim, Cultura Corporal Afrocêntrica pode ser definida como área de conhecimento da Educação Física Escolar, que configura formas de atividades corporais africanas e afrodescendentes tais como: Capoeira, danças, jogos, lutas, ginásticas, entre outras, sendo a Capoeira a base dessa Cultura Corporal Afrocêntrica.

⁷ Territórios sociopolíticos constituídos e organizados por grupos de capoeiras nas extremidades geográficas do Rio de Janeiro (1850-1890). É possível ver a construção sistemática dessas maltas em Soares (1999).

um medo oculto, solerte, noturno, como uma força estranha que se move abaixo dos pés” (SOARES, 2004, p. 509); o medo estava atrelado ao racismo e ao preconceito que até hoje se perpetua no meio elitizado da nação brasileira. A Capoeira dialogou historicamente de diversas formas com inúmeros setores da sociedade brasileira, entre negros escravizados, Mestres de Capoeira, políticos, empresários, médicos, polícia, professores, etc. Isso significa que “[...] em cada momento histórico a prática da capoeira possui significados e características próprias” (LEAL, 2008, p. 20), e ela foi explorada e conceituada, enfim, de acordo com o cenário social que a circundava, ou melhor, com o meio de produção vigente.

2.1 Mandingueiros educadores

A prática da Capoeira foi proibida por lei, durante 1889 até a década de 1930, porém não só os capoeiras baianos, mas os de muitas regiões do Brasil continuaram praticando-a “clandestinamente”, mostrando resistência e coragem. Um desses capoeiras que desafiou durante um tempo a legislação brasileira, segundo Silva (2002), nasceu em 23 de novembro de 1899, na freguesia de Brotas, em Salvador, o Manoel dos Reis Machado, reconhecido como Mestre Bimba. Ousadamente, na década de 1920, ministrou aulas para diversas pessoas, inclusive aquelas pertencentes à elite de Salvador.

Por ter convivido com várias pessoas de diferentes classes sociais e vivenciado a Capoeira das rodas, dos ringues e das ruas, como também, ginásticas e artes marciais, ele construiu uma nova proposta de Capoeira, que agradasse a elite branca, a Luta Regional Baiana, mais conhecida por Capoeira Regional, essa que possui características predominantemente esportivizadas.

Nota-se que uma das reais intenções de Mestre Bimba era inter-relacionar a Capoeira com a Educação Física e com as modalidades esportivas vigentes, pois essas eram vistas com bons olhos pela elite brasileira, apesar de esse fato ter contribuído com a sonhada legalização da Capoeira, fato que ocorreu em 1937, quando ele recebeu autorização para ministrar aulas no seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, essa ação não foi a única, muito menos a mais importante, pois também, em 1937, “[...] ocorreu em Salvador o II Congresso Afro-brasileiro organizado por diversos intelectuais, preocupados com o estudo da cultura negra no Brasil, a exemplo de Edison Carneiro e Jorge Amado, assim como lideranças do candomblé, na capital baiana” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 22).

Um dos maiores Mestres de Capoeira da história, considerado o pai da reestruturação da Capoeira Angola, nascido em 5 de abril de 1889, em Salvador, aprendeu Capoeira aos dez anos de idade com um negro natural de Angola, chamado Benedito. Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha, símbolo de resistência e reinvenção, tinha convicção que a Capoeira veio da África para o Brasil com os africanos escravizados e que o nome da Capoeira Angola é consequência de terem sido os angolanos escravizados, na Bahia, os dominadores desta prática (PASTINHA, 1988). Apesar de ter se afastado da prática sistemática e cotidiana da Capoeira em fins da década de 1920, retornando sua vida capoeirística em 1940, criou com outros Mestres o provável I Centro de Capoeira Angola, resistiu o máximo possível às estratégias de controle e esportivização da classe dominante, sem abandonar as raízes da Capoeira, e mandingou efetivamente frente às tentativas de

usurpação e embranquecimento da Capoeira.

Durante anos utilizou mandigas junto a outros Angoleiros para lutar contra a opressão. Com isso, a partir de 1940, a Capoeira Angola obteve reformulações. Sua escolha para “mestrar” a capoeira tradicional baiana, que passou então a ser chamada de Capoeira Angola, segundo Magalhães Filho (2011, p. 70), “[...] foi pelo seu grau de mestria, pelo seu alto conhecimento espiritual e filosófico, pelo seu caráter de educador”. Os movimentos de defesa e ataque têm um caráter de pureza, distanciando-se de outras lutas, sendo seus principais golpes, segundo Pastinha (1988, p. 35): “[...] cabeçada, rasteira, rabo de arraia, chapa de frente, chapa de costas, meia-lua e cutilada de mão”.

Os Angoleiros, para Reis (2010, p. 93), deveriam ter em mente uma mensagem que ficava na Academia do Mestre Pastinha: “Angola, capoeira mãe. Mandinga de escravos em ânsia de liberdade; seu princípio não tem método; seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”. Essa mensagem mostra todo o misticismo presente na Capoeira Angola, algo que não se pode medir.

As duas vertentes Capoeirísticas se distinguem e se aproximam ao mesmo tempo. “A de Bimba”, apesar de ter forte influência da esportivização hegemônica, não perde totalmente sua essência Negra; e a de “Pastinha” é predominantemente afrocêntrica, porém com resquícios interculturais ao longo de suas reinvenções.

Os mandingueiros e mandingueiras educadores, tanto da educação dita não formal⁸ quanto da formal, podem ser

⁸ “Educação não formal constitui a educação fora dos espaços escolares, e tem por finalidade

representados e identificados por possuírem qualidades e características anarquistas, sendo os que lutam “[...] por uma sociedade em que ninguém tenha poder sobre ninguém”, aqueles que resistem e problematizam a ideologia imposta pela burguesia, que repudiam qualquer prática hierárquica que desumaniza, exclui, oprime e não respeita os interesses de todos (SIMÕES, 1999, p. 5).

Pastinha, dentre muitos outros Mestres e Mestras de Capoeira, pode ser considerado mandingueiro educador, como também vários educadores e educadoras da educação dita formal, que historicamente buscaram uma educação que contemplasse os interesses dos trabalhadores e das trabalhadoras, tentando com isso romper com a lógica do Capital que visa exclusivamente a uma educação e a uma Capoeira como mercadorias.

3. A questão do método na práxis da capoeira

O idealizador da Pedagogia Histórico-crítica⁹ compreendeu, em sua maior especificidade, a aplicabilidade do método no ensino da educação formal, ou seja, na convencional (Educação Básica e Ensino Superior) públicas e privadas; no entanto, uma das propostas desse ensaio é pensar as possibilidades de usar o método no ensino da

desenvolver o ensino-aprendizagem de forma pouco explorada pela educação formal. Considerada uma modalidade de ensino, se desenvolve nos espaços não convencionais de educação” (ALMEIDA, 2014, p.4). Entende-se como todo e qualquer ensino fora do ambiente escolar, exemplo: na rua, em clubes, nos espaços culturais, em Centros e Grupos de Capoeira, etc.

⁹ Dermeval Saviani, filósofo e pedagogo brasileiro, nascido em 25 de dezembro de 1943 em Santo Antônio de Posse, comarca de Mogi Mirim, no interior do Estado de São Paulo (EDUCAÇÃO, 2011).

Capoeira, seja na educação formal seja na dita educação não formal, por Mestres e Mestras de Capoeira, professores e professoras de Educação Física, entre outros. Abaixo, apresentamos algumas reflexões sobre como interligar os cinco momentos do método presentes na Pedagogia Histórico-Crítica com a práxis da Capoeira.

Assim, para Saviani (1999), o método por ele proposto deve partir inicialmente da *prática social*, que é comum a professor e alunos, para, em seguida, serem observados os principais problemas que são colocados por essa prática, de modo a serem detectadas as questões que precisam ser resolvidas no interior dessa prática social, observando-se os conhecimentos a serem dominados para tanto; a esse momento denomina-se *problematização*.

O terceiro momento, segundo Saviani (1999, p. 71), refere-se à apropriação “[...] dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social”, aqui considerado como o momento da *instrumentalização*. No dizer do autor: “Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” (SAVIANI, 1999, p. 71).

O quarto momento é o da “[...] expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu” (SAVIANI, 1999, p. 72), chamado pelo autor de *catarse*, tratando-se “[...] da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social” (SAVIANI, 1999, p. 72).

Por fim, o quinto passo é a *própria prática social*, que passa a uma alteração qualitativa no decorrer do processo formativo, saindo-se, inicialmente, de uma desigualdade no ponto de partida a uma igualdade no ponto de chegada, conforme Saviani (1999).

3.1 Prática social inicial ou primeira aula – treino de capoeira

Inicialmente, partimos do pressuposto de que, não raro, num primeiro momento, a aluna ou o aluno ingressa na educação formal ou não formal com um conhecimento superficial, precário, sincrético relacionado à Capoeira, conhecimento adquirido pela mídia ou por diálogos preconceituosos e racistas vivenciados na escola, em casa ou na rua. Há, pois, um senso comum na percepção do discente ou da discente com a história da Capoeira, pois sofreu uma alienação histórica em torno dos conhecimentos da capoeiragem. Isso posto, entendemos ser importante dialogar, neste momento, com os educandos capoeiristas sobre conteúdos relacionados à Capoeira, segundo Gasparin (2012, p. 20), buscando “[...] verificar que domínio já possuem e que uso fazem dele na prática social cotidiana”, de modo a contribuir com a prática do bom senso, da reflexão crítica, da compreensão das materialidades históricas que circundam o objeto do conhecimento, a Capoeira. Entendemos, assim, conforme Semeraro (2006, p. 19), que compreensão da “[...] conquista de um conhecimento crítico, autônomo e criativo é crucial para a liberdade e a afirmação”. E ainda:

A conquista de um conhecimento crítico, autônomo e criativo é tão crucial para a liberdade e a afirmação dos projetos políticos dos setores subjugados que Gramsci chega, em diversos momentos, a

traçar as linhas do seu processo de formação. Em primeiro lugar, observa, *é preciso aprender a respeitar o saber popular mesmo na sua desorganicidade e fragmentariedade, sem, contudo, deixar de ter uma posição crítica frente às opiniões e às “crenças” disseminadas no “senso comum”*. A partir desse, se chega a perceber o “bom senso”, presente em tantos conhecimentos populares, e que “merece ser desenvolvido e tornado coerente”. Mas, além disso, é necessário aprender a criar uma capacidade crítica frente ao saber acumulado e repassado oficialmente, que deve ser visto não como óbvio e natural, mas como sendo interpretado e administrado por grupos sociais que visam precisos objetivos políticos (SEMERARO, 2006, p. 19).

Obviamente que Mestres e Mestras, alunas e alunos ou professores e professoras encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiência) da prática social, considerando-se que, conforme Saviani (1999, p. 80), “[...] a compreensão do professor é sintética porque implica uma certa articulação dos conhecimentos e experiências que detém relativamente à prática social”, isso ocorre também com alguns dos Mestres de Capoeira, mas paulatinamente se vai contribuindo para o estabelecimento de simetrias no processo de compreensão da realidade em estudo, no caso, a da Capoeira.

3.2 Problematização da capoeira

Durante este momento ocorre a identificação dos principais problemas da prática social. Segundo Saviani (1999, p. 80), a problematização trata “[...] de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimentos é necessário dominar”.

A problematização, como o segundo momento do método, poderá proporcionar aos capoeiristas iniciais ou alunas e alunos iniciantes reflexões e inquietações históricas e contemporâneas da Capoeira, sua construção, etnicidade, gênero, marginalização, exploração, criminalização e descriminalização, racismo, controle, usurpação, genocídio, suas inter-relações e utilidades na política, na Educação Física, guerras, produção, consumo, trabalho entre outros.

Este é o momento ideal para provocar os educandos e educandas capoeiristas realizando perguntas instigantes: Por que a Capoeira não podia ser praticada em determinado período histórico? Por que os praticantes foram e são discriminados? Por que o capital quer se apropriar da Capoeira? O Estado brasileiro atual contribui com a capoeiragem? Quem pode ensinar Capoeira? A Capoeira necessita ser uma modalidade esportiva olímpica para ser valorizada? Quem e por que querem esportivizar a Capoeira? Essas perguntas estimulam a curiosidade-investigativa dos discentes e fazem com que eles busquem, segundo Gasparin (2012, p. 33), “[...] solucionar as questões em estudo”.

3.3 Instrumentalização da capoeira

A instrumentalização busca, de acordo com Saviani (1999, p. 81), “[...] se apropriar dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social”, instrumentos produzidos socialmente e historicamente preservados; para o autor, é imprescindível a “[...] apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar

das condições de exploração em que vivem” (SAVIANI, 1999, p. 81).

Esse momento é um dos mais importantes da Pedagogia Histórico-Crítica por ofertar aos educandos e educandas o conhecimento efetivamente científico, que busca a formação de cidadãos críticos, capazes de subverter a sociedade, de transcender sua realidade social; um sujeito que possua um senso-crítico que se paute no materialismo-histórico-dialético, percebendo o mundo real nas suas teias históricas e contraditórias, e não como dizem que o mundo é. Trata-se de oportunizar a percepção das estruturas sociais e seus modos de produção, entendendo-se que, historicamente, a Capoeira foi usada pelo Estado de acordo com o modo de produção vigente; ou seja, no final do século XVIII e em meados do século XIX, o capoeira era usado como escravo de ganho (modo de produção escravista); no final do século XIX e início do XX, como capangagem política (modo de produção pré-capitalista); em meados do XX, para higienizar, controlar e domesticar os corpos (modo de produção do capitalismo comercial), no final do século XX, como mercadoria promissora do capital (capitalismo industrial), e, no século XXI, como mercadoria vendida por determinadas instituições (Capitalismo financeiro), porém, isso não tirou dela o legado revolucionário deixado pelas gerações afro-brasileiras, por ser uma “[...] estratégia social, uma forma de lidar com os agressores, uma comunhão da solidariedade grupal”, imprescindível para a libertação (SOARES, 2004, p. 576).

Neste momento, será vivenciada a práxis da Capoeira, o significado dos movimentos corporais interligados às letras das músicas que interpretam a

realidade, o significado da mandinga e das infinitas características apresentadas durante sua prática. Podem ser abordadas também as questões de produção e consumo de materiais capoeirísticos: vestimentas, CDs, DVDs, instrumentos musicais entre outros.

Há a possibilidade neste momento de instigar efetivamente os indivíduos sobre a importância dos conhecimentos ancestrais e culturais do saber-fazer-usar a Capoeira, sejam dos instrumentos musicais, cânticos, movimentos, dentre outros, de forma crítica. A práxis desses conhecimentos é imprescindível como ferramenta política contra as ações exacerbadas e puramente comerciais do capitalismo referente ao universo da capoeiragem. A apropriação dos instrumentos práticos e teóricos da Capoeira não devem ser ingênuos como os daqueles:

[...] que se vestem de branco e vão às ruas pedir paz, sem criticar o sistema que não cessa de produzir e reproduzir a violência que ocupa o cotidiano de nossas cidades. Ou pior, dos que se dedicam à filantropia, destinando as sobras da mesa da Casa Grande aos pobres, como se isso pudesse trazê-los para uma vida civilizada e protegida da violência e da exclusão (BUENO, 2003, p. 28).

3.4 Catarse ou IÊ?

A catarse está relacionada aos instrumentos culturais adquiridos. Interligando ao IÊ da Capoeira, pode ser considerada como um momento de atenção, de avaliação e “fim de diálogo”, que tem como objetivo a transformação social, visto que:

Adquiridos os instrumentos básicos, ainda que parcialmente, é chegado o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da

prática social a que se ascendeu. Chamemos este quarto passo de catarse, entendida na acepção gramsciana de “elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens” (Gramsci, 1978, p. 53). Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social (SAVIANI, 1999, p. 81).

Durante esse momento, as discentes e os discentes poderão fazer uma elaboração complexa dos conhecimentos iniciais aos conhecimentos adquiridos anteriormente na instrumentalização da Capoeira, com isso poderão perceber e construir uma nova forma de interpretação da teoria e prática social da capoeiragem; esta consciência de novos instrumentos culturais da Capoeira possibilitam ações de transformação social.

A síntese pode ser expressa através de uma avaliação oral ou escrita, formal ou não formal, levando em consideração as diversas dimensões sob as quais os conteúdos da Capoeira foram abordados, ou seja, a historicidade, o modo de produção e consumo de materiais capoeirísticos, os significados dos movimentos corporais, da mandinga, a musicalidade, a preservação da natureza, dentre outros ilimitados temas que poderão ser instrumentalizados.

3.5 Mestre, prática social final!

O ponto de chegada do método se interliga ao ponto de partida, porém, para Gasparin (2007, p. 148), os “[...] passos da Problematização, Instrumentalização e Catarse encerra-se com a obtenção de um novo nível de desenvolvimento atual, no qual o aluno mostra que se superou”. O ponto de chegada é a própria prática social,

compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Neste ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por suposto, já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica. Essa elevação dos alunos ao nível do professor é essencial para se compreender a especificidade da relação pedagógica (SAVIANI, 1999).

Metaforicamente a prática social final representa o último momento do método, porém, sem se fechar, ele vai dando voltas constantemente, ou seja, gira como se fosse uma espiral, exemplo: uma aluna ou um aluno, depois de muitos “giros”, chegará ao “nível do Mestre”, no entanto, não necessariamente se tornará Mestre de Capoeira, mas um mestre para a vida.

Entretanto, espera-se dos capoeiristas e das capoeiristas, educandos e educandas, que, depois do novo conhecimento adquirido, possam assumir uma nova postura social, com ações transformadoras interligadas aos conhecimentos apreendidos, que visam a mudanças de paradigmas sociais. Os sujeitos que inicialmente eram “acríticos” e que perpassaram pelos quatro momentos anteriores chegarão ao quinto momento com pensamentos e ações críticas referentes aos conhecimentos que possuíam na prática social inicial.

Depois de praticados e apreendidos, esses elementos culturais darão subsídio e respaldo científico para que os sujeitos possam executar efetivamente em seu cotidiano social vivências emancipatórias. Exemplificado: os capoeiristas e as capoeiristas, alunos e alunas, levarão consigo os conhecimentos adquiridos na roda de Capoeira, no Grupo de Capoeira e na

sala de aula para, enfim, materializá-los nos vários segmentos da sociedade.

Considerações finais

Entendemos que a Pedagogia Histórico-Crítica possui elementos críticos e transformadores, desde suas perspectivas filosóficas, psicológicas e pedagógicas até a materialização dos seus cinco momentos didáticos. Por ser uma Pedagogia que busca compreender a história, a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana, que enfatiza o diálogo com a cultura acumulada historicamente, há uma possibilidade instigante de pensar a aplicabilidade do método na práxis da Capoeira, seja em ambientes formais ou não formais, por Mestres e Mestras de Capoeira, professoras e professores de Capoeira ou de Educação Física, enfim para todos aqueles que desejam ensinar Capoeira de forma complexa em conjunto com sua totalidade.

Portanto, todos aqueles que utilizarem o método da Pedagogia Histórico-Crítica na práxis da Capoeira poderão não apenas formar alunos e alunas capoeiristas, mas capoeiristas críticos com habilidades de transformar a realidade social, resistir e enfrentar as desigualdades e injustiças ocasionadas pelas classes dominantes. As temáticas desenvolvidas sobre a Capoeira – historicidade, gênero, etnicidade, marginalização, exploração, criminalização e descriminalização, racismo, controle, usurpação, genocídio, guerras, produção, consumo, trabalho, entre outros, possuirão novas formas de organização social através da transformação da realidade pelos conhecimentos incorporados.

Referências

- ALMEIDA, Maria Saete Bortholazzi. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. In: PARANÁ. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2014. (Cadernos PDE; 2)
- ANTONIO, Rosa Maria. *Teoria histórico-cultural e pedagogia histórico-crítica: o desafio do método dialético na didática*. Maringá, PR: Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação, Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- BUENO, André. A educação pela imagem & outras miragens. *Trabalho, Educação e Saúde*, 1 (1): 2003, p. 23-44.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Neuber Leite. *Capoeira, trabalho e educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- DIAS, Adriana Albert. *Mandinga, Manha & Malícia: Uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: EDUFBA, 2006.
- EDUCAÇÃO. *Dermeval Saviani: Biografia*. [s.l.], 2011. [Recurso eletrônico] Disponível em: <http://letrasunifacsead.blogspot.com/p/dermeval-saviani-biografia.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 4.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- _____. *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 5.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, Boi-Bumbá e política no Brasil republicano (1889-1906). *Revista AfroÁsia*, Salvador, n. 32, p. 241-269, 2005.
- _____. *A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução de Florestan Fernandes. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- PASTINHA, Vicente Ferreira. *Capoeira Angola*. 3. ed. (fac-similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.
- PETENUCCI, Maria Cristina. *Desvelando a Pedagogia Histórico-crítica*. Pérola, PR: Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação como requisito do Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná, 2008. Mimeo.
- PIRES, Marília Freitas de Campos, O materialismo histórico-dialético e a Educação. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1, n. 1, p. 83-94, Ago. 1997.
- REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapoã, 1968.
- REIS, Leticia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil*. 3.ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!* Campinas, SP: Autores Associados, 1983.
- _____. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!* 32.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. Origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., IFCH-UNICAMP, Campinas, SP, julho de 2012.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira e educação física – uma história que dá jogo... primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 23, n. 1, p. 131-145, set. 2001.

_____. *A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

SIMÕES, Teotonio. *Anarquismo: Pequena introdução às ideias libertárias*. São Paulo: Ebooks Brasil, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

_____. *A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial, 1850-1890*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

_____. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 2018-06-20

Publicado em 2019-01-07